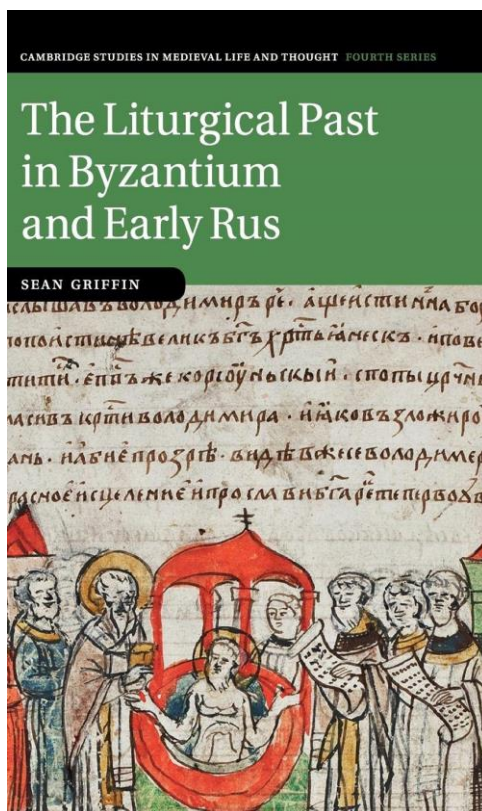


LITURGIA COMO FATO HISTORIOGRÁFICO E SOCIAL
LITURGY AS A HISTORIOGRAPHICAL AND SOCIAL FACT



GRIFFIN, Sean. *The Liturgical Past in Byzantium and Early Rus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

Leandro César Santana Neves¹

A História da Igreja durante o período conhecido como “Idade Média” vem ao longo dos últimos anos passando por uma renovação mais que bem-vinda. Dentre suas autocríticas construtivas e múltiplos caminhos possíveis de abordagens temáticas, espaciais e

¹ Doutorando em História Social pelo Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS-UFRJ) e bolsista do CNPq. Membro do Laboratório de Teoria e História das Mídias Medievais (LATHIMM-UFRJ/USP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8829-313X>. E-mail: lcneves.clio@ufrj.br.

metodológicas (Van Engen, 2002; Cruz, 2014; Rosa, 2019, p. 75-78), a escrita de uma História Social da Igreja, levando em consideração as incrivelmente complexas, mas fascinantes, imbricações entre teologia, sociedade e política (Rust & Castanho, 2017, p. 14-15) nos parece um caminho bastante profícuo que nos leva a repensar o papel social de elementos antes negligenciados nas diversas realidades cristãs medievais, dentre eles a liturgia. Uma das obras que podemos considerar como sintoma desta nova maneira de conceber o campo é o livro *The Liturgical Past in Byzantium and Early Rus*.

O livro de Sean Griffin, professor do departamento de russo do Dartmouth College (EUA), recebeu – merecidamente – diversos prêmios acadêmicos². Para além da originalidade do autor de articular liturgia, historiografia e comunidade, o autor nos lembra algo fundamental que parte da medievalística às vezes olvida: os autores/editores dos documentos que usamos viviam; ou seja, para além das preocupações e maquinações que muitas vezes os impomos, eles também tinham hábitos e rotinas que poderiam adentrar em seus escritos. No caso dos monges kievanos que compilaram e assinaram crônicas, suas constantes exposições aos ciclos e rituais litúrgicos decorrentes de seu modo de vida ajudaram a compor uma narrativa histórica que, até os dias de hoje, ainda tratamos como feitos muitas vezes inquestionáveis.

De fato, a proposta do livro é bem ambiciosa. Griffin procura estabelecer um elo entre a experiência do tempo histórico e experiência religiosa, concluindo que na Rus houve a construção de um passado litúrgico que encaixava a nação recém-cristianizada na mesma linha temporal que personagens cantados pelos kievano, especialmente Constantino o Grande e sua mãe, Helena; e assim conseguiram atrelar um tipo de sacralidade à elite dinástica kievana. A fim de demonstrar essa hipótese, o autor estabelece as referências litúrgicas presentes em certas narrativas do talvez mais importante documento para qualquer pessoa interessada no estudo da Rus Kievana, a *Narrativa dos Anos Passados (Povest Vremmenykh Let*, aqui abreviada como *PVL* ou *Narrativa*)³, explicitada por Griffin no segundo capítulo. Cabe

² Até o momento da escrita desta resenha, o livro foi galardoado com os prêmios Ecclesiastical History Society Book Prize de 2019 e o W. Bruce Lincoln Book Prize de 2020.

³ Felizmente, o público lusófono possui acesso ao documento por meio de uma tradução direta e de alta qualidade do eslavo para o português, presente em Simone, 2019, p. 65-307.

ressaltar, contudo, que o autor não aborda a totalidade da *PVL*, somente algumas partes que, a partir da comparação com uma ampla gama de manuscritos litúrgicos, apresentam uma grande narrativa de transformação da Rus em um domínio cristão.

O livro é dividido em seis capítulos: 1) *Liturgy and History in Early Rus*; 2) *The Rus Primary Chronicle*; 3) *Vespers at the Kiev Monastery of the Caves*; 4) *The Dayspring before the Sun: Princess Olga of Kiev*; 5) *A New Constantine in the North: Prince Vladimir and the Baptism of Rus*; e 6) *A Rational Sacrifice: The Martyrdom of Princes Boris and Gleb*. Nesta estrutura, a primeira metade apresenta ao leitor aspectos gerais e contextuais do objeto do livro, ao passo que a segunda metade trata propriamente dos elementos e subtextos litúrgicos que constroem as entradas sobre Olga, Vladimir e os santos mártires Boris e Gleb na *PVL*.

O primeiro capítulo se estrutura de modo afunilado, começando com a contextualização da Rus e do papel do Cristianismo nesta comunidade relativamente recém-convertida e assim construindo um elo com o elemento principal do livro: a liturgia bizantina, caracterizada pelo autor como uma “[...] tecnologia de um valor político imenso” que de fato era responsável pela criação, internalização e fixação de um passado sagrado que servia também como uma poderosa arma ideológica e propagandística dado o caráter religioso dos rus que louvavam e rezavam constantemente. Caracterizar a liturgia como tecnologia é um dos grandes acertos do autor no livro, sendo comparada com a televisão no final do século XX dada sua ubiquidade⁴ e capacidade de comunicar e difundir informação (neste caso, o passado) a todos e todas que faziam parte da comunidade de fé; do governante ao mendigo, do aristocrata ao mercador, do monge ancião à criança que se alfabetiza nas igrejas.

A partir daí, Griffin apresenta um panorama do olhar dos medievalistas sobre o fenômeno da liturgia e seu papel nas sociedades medievais, que se intensificou a partir da década de 1970 com um “giro litúrgico” que reduziu o estigma dos manuscritos litúrgicos, documentos dotados de enorme complexidade e difíceis de analisar que até recentemente era monopólio de liturgiólogos. Tais manuscritos não somente eram escritos em monastérios, como também copiados e performatizados no mesmo complexo monástico em que também

⁴ De acordo com Griffin, cerca de 70% dos manuscritos rus datados dos séculos XI e XII que sobreviveram aos nossos dias são livros litúrgicos.

eram confeccionados os textos historiográficos, particularmente anais e crônicas cuja proposta de um passado compartilhado cria comunidades de fé. Eis a hipótese de Griffin: os cronistas e copistas recorrem (não necessariamente de modo voluntário) aos livros litúrgicos na construção das narrativas historiográficas, que por sua vez são reconhecidas pelos leitores como um passado sagrado compartilhado e que por si só costumam gerar procedimentos litúrgicos em um *loop*.

Já no segundo capítulo, o livro trata de seu documento principal, a *PVL*. Em vez de se dedicar aos pormenores acerca da materialidade da fonte, famosa por sua complexidade dada a ampla gama de miscelâneas de manuscritos (*sborniki*) datadas entre os séculos XIV e XVII que teoricamente se originariam no final século XII ou ainda antes no XI. Ao admitir a extrema complexidade da *PVL*, comparando-a com uma *matriochka* de diversas camadas, o autor enfatiza as trajetórias de pesquisa sobre o documento de dois filólogos, August Ludwig von Schlözer (1735 – 1809) e Aleksei Aleksandrovitch Chakhmatov (1864 – 1920), e a dificuldade de ambos em reconhecer o pano de fundo litúrgico da fonte.

Schlözer, pertencente à renomada Escola de Göttingen, foi pioneiro na tentativa de recriar a *PVL* (sendo a primeira reconstrução crítica de um documento medieval na Europa!), na qual ele tentou descobrir as “palavras exatas” do cronista da *Narrativa* a partir da filologia comparada, restaurando os supostos “erros estúpidos” feitos pelos clérigos e monges copistas que danificaram um hipotético texto original. Já o mais famoso Chakhmatov, partindo do mesmo objetivo de Schlözer embora tomando um caminho oposto, é notável por aplicar o método da Universidade de Leipzig de comparação linguística indoeuropeias para as mais diversas *sborniki* da *PVL*, chegando à um tipo de reconstrução da fonte que levava em consideração eventos históricos que condicionavam os autores e copistas a mudar detalhes da *PVL* não por estultícia como dissera Schlözer, mas por motivações políticas. Assim, o filólogo russo chegaria por meio de comparações histórico-filológicas às chamadas *svod*, protocrônicas que antecederiam a própria *PVL*. Apesar das tentativas de reconstrução, ambos os acadêmicos ignoraram os componentes derivados das liturgias no texto pois tanto Schlözer quanto Chakhmatov provém de uma tradição filológica germânica “[...] antimonástica, antiritualística e textocêntrica” que desconsidera por completo qualquer elemento de práticas

rituais, seja por uma concepção de estupidez por um acadêmico preconceituoso ou por orientação política dos monges compiladores.

Ao passo que os capítulos anteriores oferecem panoramas sobre a historiografia e sobre o documento central, o terceiro capítulo, indiscutivelmente o mais complexo, trata da realidade litúrgica presente no local de produção da *PVL*: o Monastério das Cavernas de Kiev. Após uma breve apresentação sobre a história da casa monástica e sobre o livro que servia de regia aos monges, o *typicon* do patriarca Aleixo, o Estudita (1025 – 1043), o autor demonstra sua hipótese sobre o passado sagrado liturgizado a partir da descrição da celebração das vésperas em um 21 de maio, dia da festa de São Constantino e Santa Helena. Com a preparação de todos os monges para celebrar a data especial seguindo exatamente as dicas do *typicon*, eles seguem o serviço louvando, rezando e repetindo as palavras contidas nos livros litúrgicos necessários para esta ocasião específica.

Durante as vésperas, como Griffin bem aponta, os praticantes se imergem nos mais distintos momentos de um passado litúrgico especificamente bizantino, indo desde a Criação até a conversão de Constantino, perpassando eventos judaicos, a vida de Cristo e o período apostólico. Esta multitude de narrativas que compõem as orações e hinos proferidos ensinam aos monges sobre um passado sagrado que desaguaria no soteriológico no qual os fiéis se inseririam, e isso acontecia em somente uma véspera específica. Todo o calendário da Rus é marcado por uma celebração a um santo ou um evento específico relacionado ao Cristianismo, requerendo serviços diferenciados *para além* dos diários que por si continham narrativas sagradas. Durante os 365 dias do ano, de manhã à noite, os rus louvavam e ouviam sobre um passado sagrado, composto tanto de narrativas bíblicas quanto por mitos políticos e cristãos bizantinos, desta forma, conforme o autor, internalizando-o de tal forma que a comunidade se sentiria como parte desta história sagrada, ao ponto de moldar na *PVL* nas narrativas sobre a construção de uma narrativa soteriológica para Rus.

A identificação do “subtexto litúrgico” na *PVL* é o objetivo principal dos três últimos capítulos, cada um destes apresentando as diferentes fontes e contextos litúrgicos que serviram como base para a construção de três personagens bastante importantes na concepção de um passado rus. Logo, o quarto capítulo se debruça sobre Olga (945 – 964?), regente de Kiev

enquanto seu filho Sviatoslav Igorevitch (964? – 980) ainda estava na minoridade. Famosa sobretudo ao público-alvo da presente revista acadêmica por sua vingança cruel contra os assassinos de seu marido Igor nas entradas de 945, esta “princesa com a face de Jano”, como Griffin a define, também aparece na *PVL* como uma governante recém-cristianizada.

Tendo como foco as entradas 955 e 969, respectivamente o batismo e morte da regente, o autor reconstrói as narrativas a partir de diversos hinos e orações. No caso de 955, Griffin identifica a reconstrução do rito batismal bizantino e rus, demonstrando como Olga toma parte na iniciação de um neófito conforme ocorria nos séculos que a *PVL* fora escrita. Já em 969, o encômio sobre a morte da regente revela diversos hinos e orações proferidos a personalidades sagradas famosas por seu papel de “progenitores” do Cristianismo como Maria, João Batista e seus pais (Zacarias e Isabel), e Helena Augusta. Assim, Griffin identifica Olga como uma personagem teologicamente polivalente, que através de sua narrativa litúrgica assume o papel de Mãe dos rus, preparadora do terreno espiritual para a conversão de seu neto, e também exemplo de como pagãos podem se converter.

O neto em questão, Vladimir Sviatoslavitch (980 – 1015), é o objeto do quinto capítulo, mais especificamente os elementos reminiscentes de um modelo constantiniano e de certos ofícios sacerdotais estão presentes na construção historiográfica do governante rus. Argumentando que tal modelo não é proveniente de textos como certos historiadores e filólogos afirmaram, e sim de diversos hinos e orações que tinham o imperador bizantino como protagonista, Griffin demonstra a maneira pela qual a chamada “lenda dos mártires variagues” (entradas de 983), a conversão de 988, as consagrações de 996 e o encômio de 1015 possuem uma base sólida na imagem litúrgica que os fiéis rus tinham sobre Constantino, com o uso da Vera Cruz como arma fundamental contra o diabo e a conversão por interferência divina aos moldes paulinos influenciando fortemente as narrativas acerca de Vladimir. Um ponto interessante do capítulo consiste na demonstração do caráter episcopal assumido pelo governante rus, também herança de Constantino, a partir da atribuição do papel batismal e consagrador que Vladimir teve na difusão do Cristianismo em seu reino. Efetivamente, a *PVL* transformaria Vladimir no primeiro bispo da Rus.

O tema do sexto e último capítulo são as entradas de 1015 sobre o “martírio” dos filhos de Vladimir e primeiros santos nativos da Rus, Boris e Gleb. Embora haja trabalhos anteriores sobre a influência litúrgica nas hagiografias e cultos dos irmãos como Griffin bem pontua, o autor se preocupa em como os escritores/copistas da *PVL* construíram a santidade dos mártires através de um intrincado subtexto litúrgico bizantino. Após comparar o relato da *Narrativa* com o surpreendentemente diferente primeiro serviço litúrgico aos mártires – possivelmente composto na década de 1030 pelo metropolita João I de Kiev (c. 1039 – c. 1051) – que equipara ambos a duplas santificadas bem como a Abel e a Estêvão Protomártir a fim de legitimar uma associação, Griffin identifica níveis de subtexto litúrgico em seu objeto: a identificação do assassinato de Boris com a Paixão de Cristo, a estrutura eucarística da história que transforma Boris em um bispo oferecendo seu próprio corpo como oblação e Gleb como o cordeiro a ser sacrificado na liturgia da preparação e, por último, uma complementação à imagem do Vladimir-Bispo abordada no capítulo anterior, que através do rito de consagração transforma seus filhos nos mártires necessários para abençoar a Igreja rus.

Griffin conclui o livro com duas teses intrigantes. A primeira delas consiste no já mencionado “loop litúrgico”, através do qual uma historieta presente em uma fonte historiográfica criada a partir de elementos litúrgicos influencia por si mesma outros hinos e orações, estabelecendo assim uma dinâmica dialética entre a historiografia medieval e a liturgia, entre pensar o tempo e a eclesiologia. Deste modo, o autor abre uma possibilidade importantíssima para os estudos sobre reconhecimento e, sobretudo, canonização de santos, especialmente santos régios, em realidades fora da burocracia processual da Baixa Idade Média latina (ver Vauchez, 1988). Quanto a segunda tese, a santificação litúrgica de determinados santos régios tanto colocaria a comunidade de fé no passado – e presente – sagrado, quanto também legitimaria a própria dinastia dominante, pois nas palavras do autor, “os fiéis não questionavam sobre a divisão do Mar Vermelho, como também não questionavam o chamado de Vladimir”.

Apesar de interessante e relevante, esta última proposição parece precisar de mais comprovação empírica, visto que a abordagem quase indiferente ao tempo – algo irônico pois o livro lida justamente com construções de passados – dificulta a percepção de atores políticos que fariam uso do poder doutrinador esporadicamente mencionado ao longo do livro. Nesta

lógica, haveria um *telos* que levaria a autopromoção e autoinscrição da dinastia vigente em um passado sagrado. Caso a tese de Griffin esteja correta, seria Iaroslav Vladimirovitch, o “Sábio” (1016 – 1054), um maquiavélico gênio do mal ao perceber o pano de fundo litúrgico das *svodi* que ouvia? Mais ainda, a força desta tecnologia que difundiu a doutrinação necessária para a sacralização de seus irmãos, pai e bisavó, não desaguaria na anacrônica, mas ainda amplamente aceita, teoria dos eclesiásticos como um braço subserviente ao poder laico ou, citando Louis Althusser, a Igreja como um aparelho ideológico do Estado (Althusser, 1980, p. 42-43)? E neste jogo de poder, os clérigos e monges como detentores da tecnologia seriam somente meros papagaios copistas sujeitos a uma espécie de *fordismo* litúrgico? Que o leitor não deixe nossas as inquietações afastarem qualquer vontade de ler o belíssimo e extremamente pertinente livro de Griffin, e que a obra sirva de lembrete a todos aqueles e aquelas estudantes do período medieval que um hino é mais poderoso do que sua letra pode, a princípio, parecer.

Referências Bibliográficas

- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*. Traduzido por Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Presença; Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1980.
- CRUZ, Alfredo Bronzato da Costa. “As várias fibras da túnica inconsútil: a história do cristianismo como mosaico e como rede”. *Coletânea*, Rio de Janeiro, Ano XIII, Fascículo 25 Jan./Jun. 2014, p. 76-105.
- GRIFFIN, Sean. *The Liturgical Past in Byzantium and Early Rus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.
- ROSA, Maria de Lurdes. “A religiosidade medieval como campo de trabalho historiográfico: perspectivas recentes”. *Revista de História das Ideias*, Vol. 36, 2ª Série (2018), p. 57-81.
- RUST, Leandro; CASTANHO, Gabriel. “A Igreja como passado: um prólogo historiográfico”. *Veredas da História*, v. 10 n. 2, dez., 2017, p. 9-21.



SIMONE, Lucas Ricardo. *Recontar o tempo: apresentação e tradução da Narrativa dos anos passados*.

Tese de Doutorado (Doutorado em Literatura e Cultura Russa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2019.

VAN ENGEN, John. “The Future of Medieval Church History”. *Church History*, Volume 71 (03), 2002, p. 492-522.

VAUCHEZ, André. *La Sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Age. D’après les procès de canonisation et les documents hagiographiques*. Tese de Doutorado. Roma: École Française de Rome, 1988.